



PERFIL SOCIOECONÔMICO DO PEDÓFILO

Camila Cortellete Pereira da Silva¹; Daniela Devico Martins Pinto¹; Magnéia Magalhães Souza da Rocha¹; Vitória Zanutto Vaz¹; Rute Grossi Milani²

RESUMO: A literatura tem apontado que a pedofilia consiste em um distúrbio de conduta sexual considerado uma perversão sexual de caráter compulsivo e obsessivo, apresentado por adultos com uma atração sexual por crianças. Por meio de uma pesquisa documental procurou-se caracterizar o perfil socioeconômico do pedófilo. Foram consultadas 26 fichas referentes ao pedófilo, a partir do ano de 2000, os casos analisados ocorreram com crianças menores de 14 anos, de Maringá e região. Encontrou-se com maior incidência de casos, agressores com o primeiro grau de instrução incompleto (54%), todos possuíam trabalho até o momento de sua prisão, mas encontravam-se em uma situação econômica baixa (58%). Utilizavam entorpecentes (76%). Em sua maioria são solteiros (42%) e filhos legítimos (88%), aceitos em seu núcleo familiar (54%). Apresentavam moradia alugada (35%) na zona urbana (58%). Estima-se que ao sair da prisão serão aceitos socialmente (72%) e sua reinserção familiar será junto aos pais (35%). A respeito da vítima, o mais encontrado foi o extrafamiliar (56%) onde 35% são crianças conhecidas do abusador, e 21% são vítimas desconhecidas do pedófilo. Os casos intrafamiliares configuraram um total de 39%. Acredita-se não ter encontrado um perfil exato a respeito do abusador, por esse motivo é necessário que os pais alertem seus filhos do perigo que se encontra nas ruas, na internet e até mesmo em casa e observem as ações e verbalizações da criança. Afinal, constatou-se que assim como na bibliografia, o perfil do pedófilo não é tão fácil de identificar.

PALAVRAS CHAVES: Abuso sexual infantil; Agressor; Incesto; Parafilia, Violência sexual.

1. INTRODUÇÃO

A pedofilia é o termo utilizado para a repetição compulsiva do abuso sexual infantil, na qual consiste em um distúrbio de conduta sexual, psicopatológica, perversão sexual com caráter obsessivo e compulsivo, que é considerado um fenômeno universal, na qual adultos apresentam uma atração sexual, exclusiva ou não, por crianças e adolescentes (ARAÚJO, 2004).

Assim, os pedófilos são aqueles indivíduos que possuem atração sexual primária ou exclusiva por crianças, mesmo sem nenhum contato sexual efetivo. Nem todos aqueles que praticam o abuso sexual em crianças são pedófilos, eles podem ter sido

¹ Discentes do Curso de Psicologia. Departamento de Psicologia do Centro Universitário de Maringá – Cesumar, Maringá – Paraná. cah_cortellete@hotmail.com; danidevico@hotmail.com; magneiams_rocha@hotmail.com; vitória_vaz@hotmail.com

² Orientadora e docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Maringá – Cesumar, Maringá – Paraná. rute@cesumar.br

impulsionados por outras variáveis que não a predileção sexual por infantes (SALTER, 2009).

De acordo com Araújo (2004), o abuso sexual de crianças, existe em decorrência de um conjunto de elementos que são: culturais, político-administrativos, psicológicos e econômicos. Sendo respectivamente: frágeis noções de direitos humanos na sociedade; Poderes e autoridades omissas ou incapazes; doenças mentais; relações econômicas ou poder econômico, estão sempre relacionados aos casos.

A identificação do perfil do pedófilo é de grande importância para a sociedade, como forma de esclarecimento e proteção para a mesma. Com essa delimitação mais específica do perfil desses indivíduos em desvantagem sócio-afetiva, as pessoas estarão mais aptas a tomar medidas preventivas face às violações possíveis de serem causadas pelo mesmo. Para o meio científico, busca-se complementar o pouco que se tem sobre o indivíduo com desvio sexual, tendo em vista, que a maior parte das pesquisas relacionadas à pedofilia prioriza a vítima.

Tendo em vista o exposto, objetiva-se caracterizar o indivíduo com desvio de conduta sexual. Para isso se faz necessário conhecer os aspectos socioeconômicos, que podem influenciar as condutas perversas do pedófilo. Tais informações permitirão uma visão mais clara de suas características.

2. METODOLOGIA

Para a realização deste estudo foi utilizada a pesquisa documental. Primeiramente foi desenvolvido um levantamento bibliográfico procurando extrair as contribuições mais significativas ao estudo do tema dentre o material teórico ao qual tivemos acesso. As fontes de referências foram: bases de dados eletrônicas, artigos científicos e livros.

Foi realizada uma pesquisa na Penitenciária Estadual de Maringá (PEM), onde se obteve, mediante autorização do diretor e com a supervisão do psicólogo a ficha de auto qualificação, vida pregressa e interrogatório do pedófilo, a partir do ano de 2000, com crianças menores de 14 anos, de Maringá e região, onde foram analisados tais dados: profissão; estado civil; grau de instrução; dependência familiar; situação econômica; procedência social; situação legal; situação familiar; interação familiar; situação habitacional; uso de entorpecentes; reinserção familiar e reinserção social. Através dela realizou-se uma busca a respeito dos aspectos socioeconômicos do mesmo.

Por meio da compreensão da leitura obtida, realizou-se a produção deste texto que facilitou a reflexão sobre os objetivos da pesquisa, assim possibilitando a elaboração do artigo.

3. DISCUSSÃO E RESULTADOS

Foram consultadas 26 fichas de auto qualificação, vida pregressa e interrogatório do pedófilo, a partir do ano de 2000, os dados analisados ocorreram com crianças menores de 14 anos, de Maringá e região. Os termos utilizados na análise serão os mesmos que constam nos dados das fichas coletadas.

Dentre os analisados, em relação à escolaridade predominou o primeiro grau de instrução incompleto (54%), seguidos do analfabeto (31%), primário (7%), primeiro grau completo (4%) e em 4% não consta o grau de instrução do indivíduo com desvio de conduta sexual. Todos possuíam trabalho até o momento de sua prisão, entre eles: lavrador (38%); vendedor (7%); motorista (7%) na qual um deles é aposentado; bóia fria (7%); músico (3,5%) vigia (3,5%); ajudante geral (3,5%); artesão (3,5%); reciclagem de papelão (3,5%); funileiro (3,5%); torneiro mecânico (3,5%); carpinteiro (3,5%); pedreiro (3,5%); açougueiro (3,5%).

Em relação ao nível econômico, 58% encontram-se em situação econômica baixa e 11% em uma “boa” situação, em 31% das fichas não havia relatado esse dado. Em 58% dos casos, os abusadores moravam na zona urbana, onde 42% deles moravam em um imóvel alugado, 14,2% em residência própria, 7,1% casa própria com o pai, e em 35,7% o dado não consta. Já zona rural (19%), residiam em casa própria 66,7%, e alugada 33,3%. Enquanto no semi-urbano foram encontrados 15%, em que 25% os sujeitos moravam em imóvel alugado com a mãe, e em 75% dos casos não consta tal informação. Em 3,9% os pedófilos não possuíam residência. E ainda não consta o dado em 3,9% da coleta.

A partir dos resultados em relação aos dados econômicos, encontrou-se uma analogia, entre o grau de instrução juntamente com as profissões encontradas, e a situação econômica, que diz respeito a um perfil inferior a média. Outro dado relevante é o fato de grande parte dos analisados possuírem trabalhos rurais, mas a maioria mora na zona urbana, o que demonstra uma contradição entre ambos.

E apesar dos dados encontrados indicarem uma predominância da classe baixa, se vê a possibilidade de muitos dos casos das classes mais altas não denunciarem, por vergonha, ou até mesmo status, dando um resultado parcial dos abusos. “Muitos mitos acerca da violência intrafamiliar impedem sua visibilidade, como o de que ela só ocorre nas camadas mais baixas da sociedade, que são raros os casos dentro da família, entre outros” (FERRARI; VECINA, 2002, p. 77). O autor ainda afirma que a visibilidade é maior nessa faixa da população, por acionar mais os serviços públicos como forma de defesa ou denúncia.

Pode-se perceber que em sua maioria, os pedófilos encontravam uma interação familiar harmoniosa (25%), seguido de aceito (21%), aceito com restrições (18%), carente (7%), conflitante, e em 25% dos casos não consta tal informação. E a situação entre eles era organizada em 42% dos casos, em 39% eram desorganizadas, e em 19% não constavam. Quanto ao estado civil em sua maioria são solteiros (42%), seguido de casados (19%), amasiado (15%), viúvo (12%), divorciado (8%) e separado (4%). Os abusadores apresentavam idade entre 23 e 74 anos, dando uma média de 44 anos.

Quanto ao aspecto social do sujeito, houve grande surpresa ao constatar que em sua grande maioria, os mesmos possuem um convívio harmonioso e organizado. Acreditava-se que na relação familiar, seria encontrada uma desestrutura maior do que a analisada, podendo representar indícios de seus atos libidinosos.

Dos dados coletados foram encontrados que 77% dos detentos utilizavam entorpecentes em que o álcool representa 50%, o fumo 31%, maconha 15%, e o crack 4%. Também se encontrou que 15% não utilizam entorpecentes, e ainda em 9% não constava tal informação.

O número coletado a respeito do uso de entorpecentes confirmou as hipóteses, apresentando uma grande quantidade de usuários. Entretanto esperava-se que o número de álcool e fumo fossem maiores.

A respeito da vítima, o abuso sexual mais encontrado é o extrafamiliar (56%) onde 35% são crianças conhecidas do abusador, e 21% são vítimas escolhidas ao acaso, ou seja, são pessoas desconhecidas do pedófilo. Os casos intrafamiliares foram a um total de 39%, na qual 56% das vítimas eram enteadas, e 44% filhas. Ainda não se encontrou tal dado em 5% das fichas analisadas.

Mesmo assim, acredita-se que o resultado esperado não foi totalmente contestado, afinal, o maior número de vítimas encontradas foi de crianças próximas do abusador, tornando-se mais fácil o seu acesso a ela, por possuir a confiança da família e da mesma. Entre eles classifica-se em: filho de amigo (23%); sobrinha (13,6%); amigas da filha (9%); vizinho (9%); conhecida da igreja (4,5%) e em 41% dos casos o grau de proximidade com a vítima não constavam.

Outro fator importante de ser discutido é a respeito do silêncio, já que uma grande parte dos casos ocorridos não são denunciados, por medo, vergonha ou até mesmo

desconhecimento do fato, assim deve-se levar em consideração que o número apresentado é menor do que a real dimensão desse fato. Pois segundo Ferrari e Vecina (2002), a violência vivida dentro da relação familiar muitas vezes é camuflada como atitudes de responsabilidade da criança que é culpabilizada, ou como comportamentos não-violentos. Para a manutenção do silêncio, são muitas vezes utilizadas ameaças e seduções, aprisionando todos em relações complementares patológicas, evitando assim a quebra do sistema familiar. O autor ainda afirma que há uma proporção equilibrada entre as diferentes classes permitindo-nos dizer que a violência intrafamiliar é essencialmente democrática em sua disseminação, não há distinção de raça, credo, etnia ou classe social.

A seguir serão apresentados os dados referentes à reinserção social e familiar.

Magalhães (2003) ressalta que no caso dos pedófilos é complicado, pois além da questão social, existe a questão médica, por se tratar de um distúrbio parafilico e a falta de apoio das famílias, o que dificulta ainda mais a reinserção social deste preso. Entretanto na análise realizada dos dados coletados, estima-se que ao sair da prisão os mesmos serão aceitos socialmente (72%) e sua reinserção familiar será junto aos pais (35%), com o cônjuge (15%) ou então sozinhos (15%). Assim contesta-se o que Magalhães (2003) relata, podendo-se afirmar que na região de Maringá, os pedófilos serão aceitos tanto pela sua família, como pela sociedade. Fato que surpreendeu, pois acreditava-se, assim como a autora, que os mesmos seriam marginalizados ao saírem da prisão.

O que mais chamou a atenção foi a respeito das famílias, que mesmo possuindo crianças, muitas vezes a própria vítima, em sua maioria, aceitam novamente o abusador e até mesmo os visitam na penitenciária. Diferindo do que se espera, afinal essa ocorrência desestrutura toda a família, e causa dor e sofrimento a todos, por esse motivo era de se esperar que o causador não fosse reintegrado a mesma.

4. CONCLUSÃO

Através da pesquisa realizada para obter o perfil socioeconômico dos pedófilos de Maringá e região a partir do ano de 2000. Conclui-se que os mesmos em sua maioria possuem o primeiro grau incompleto, todos possuíam trabalho, uma classe social inferior a média, com uma habitação na zona urbana e residência alugada. Havendo uma interação familiar harmoniosa e organizada. O seu estado civil solteiro, com uma média de idade de 44 anos e usando entorpecentes. A respeito da vítima, o abuso mais ocorrido é o extrafamiliar e os pedófilos serão reinseridos em sua família e socialmente.

No início da pesquisa não se tinha ainda conhecimento a respeito dos dados referentes à ficha, por esse motivo obteve-se um resultado esperado tão limitado, envolvendo somente o dado relativo ao abuso sexual. Entretanto, durante a pesquisa foram criadas novas hipóteses em relação ao seu perfil que foram discutidas durante os resultados.

Em relação à literatura, verificou-se uma incoerência com as informações obtidas durante a pesquisa. Em vista disso, faz-se necessário um melhor conhecimento a respeito do perfil do abusador, levando em consideração que os aspectos socioeconômicos encontrados se diferem dos expostos pesquisados na bibliografia brasileira.

Acredita-se não ter encontrado um perfil exato a respeito do abusador, por esse motivo é necessário que a sociedade esteja atenta ao seu redor, alertando seus filhos do perigo que se encontra nas ruas, na internet e até mesmo em casa, e dando a devida atenção as crianças observando suas ações e verbalizações. Afinal, constatou-se que assim como no levantamento bibliográfico, o perfil do pedófilo não é tão fácil de identificar, já que são pessoas comuns.

Por conseguinte, ainda há muita coisa a se pesquisar a respeito do pedófilo, como por exemplo, seu tratamento dentro das penitenciárias e ao sair, a relação de dependência e de silêncio que se cria dentro das famílias, e ainda aprofundar mais a respeito de seu perfil tanto socioeconômico quanto psicológico.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Naira (org). **Abuso e exploração sexual contra crianças e adolescentes.** Manual de orientação para educadores. – Manaus: Agência Uga-Uga de Comunicação, 2004

FERRARI, Dalka Chaves Almeida e VECINA, Tereza Cristina Cruz (orgs). **O fim do silêncio na violência familiar: teoria e prática.** São Paulo: Ágora, 2002.

SALTER, Anna C. **Predadores – Pedófilos, Estupradores e Outros Agressores Sexuais.** São Paulo: M. Books do Brasil, 2009.

SERAFIM, Antonio de Pádua. **Pedofilia: da fantasia ao comportamento sexual violento.** 2008. Disponível em:

<http://www.visumconsultoria.com.br/docs/antonio_de_padua_serafim.pdf> em: 18/05.

MAGALHÃES, Vilene Eulálio de. **Criminosos sexuais: um perfil de sujeitos condenados por crimes sexuais.** Dissertação de mestrado de sexologia – Universidade Gama Filho do Rio de Janeiro, 2003.

MARQUES, Heloisa M. de V. **A voz do abusador: aspectos psicológicos dos protagonistas de incesto.** Brasil 2005. Disponível em:

<http://www.bdttd.ucb.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=648> em: 04/05